

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES EM
TEMPOS DE PANDEMIA:
um olhar sobre a precarização do ensino híbrido e remoto¹**

**CHALLENGES FACED BY TEACHERS IN PANDEMIC TIMES:
a look at the precariousness of hybrid and remote teaching**

Michele Talita Ogawa¹

RESUMO: O presente trabalho aborda o processo de ensino/aprendizagem em um momento pandêmico e busca compreender como ocorreu a organização e prática do trabalho docente. O referencial teórico se baseou em Paulo Freire e José Carlos Libâneo. Foi realizado um levantamento de dados, de caráter qualitativo, com entrevistas estruturadas realizadas com quatro pedagogas que lecionaram na rede pública de ensino em Sinop/MT, nos níveis de Educação Infantil e Fundamental em 2021. Houve inúmeras dificuldades tanto técnicas quanto didáticas, que não se delimitam à uma conclusão, mas abre campo para um maior aprofundamento.

Palavras-chave: Educação. Didática. Pandemia.

ABSTRACT²: The present work approaches the teaching/learning process in a pandemic moment and seeks to understand how the organization and practice of the teaching work occurred. The theoretical reference was based on Paulo Freire and José Carlos Libâneo. A qualitative data survey was carried out with structured interviews with four pedagogues who taught in the public education system in Sinop/MT, in the levels of Kindergarten and Elementary School in 2021. There were numerous difficulties, both technical and didactic,

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM UM CONTEXTO PANDÊMICO”, sob a orientação da Prof. Ma. Solange Ana Dalla Vecchia, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2022/2.

² Resumo traduzido por Priscila Ferreira Alécio, Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (PPGEL-UFMT), graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8989076509654680>. E-mail: priscila.f.a.letas@gmail.com.

which are not delimited to a conclusion, but open the field for further deepening.

Keywords: Education. Didactics. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos em um mundo globalizado, onde o fluxo de informações circula de maneira muito rápida. Foi com tamanha velocidade que no final de 2019 um vírus mortal começou a se espalhar, o coronavírus, que levou consigo milhões de sonhos e gerou uma crise sanitária e socioeconômica.

A educação, assim como as demais esferas da sociedade, foi bastante prejudicada com o distanciamento social que impedia a volta ao “antigo normal”, às aulas presenciais. Isso gerou um grande impacto, que foi sentido por todos, inclusive os professores, que tiveram que lidar com inúmeros conflitos internos e externos durante a pandemia.

Estudar como ocorreu o processo de ensino/aprendizagem no contexto pandêmico e em específico olhar para o trabalho docente, é importante para podermos compreender melhor o impacto causado pela crise do COVID-19 e buscarmos melhorar ainda mais nossa realidade e organização.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo analisar quais foram os desafios enfrentados pelos docentes na organização e prática dos conteúdos, durante a pandemia.

Foram selecionadas quatro professoras do nível de educação básica, que lecionaram em escolas públicas no município de Sinop/MT, no ano de 2021. Sendo duas da Educação Infantil e as demais do Ensino Fundamental. As entrevistas foram realizadas de forma remota com o auxílio de um roteiro de perguntas estruturadas, de caráter qualitativo. Os dados, posteriormente, foram tratados e articulados com teóricos da educação, principalmente Freire (1996; 1997) e Libâneo (2001).

Com base nisso, a pesquisa tomou forma e foi possível estabelecer um olhar mais profundo e crítico sobre as vivências e experiências de professores de distintas instituições, com realidades diferentes, como veremos adiante.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No final do ano de 2019, mais precisamente na cidade chinesa de Wuhan, uma onda de pneumonia começou a atacar seus habitantes. Pouco tempo depois, foi descoberto que, na verdade, se tratava de um vírus mortal identificado como SARS-CoV-2, Coronavírus ou simplesmente COVID-19, cuja origem mais aceita é da contaminação por meio do consumo da carne de animais silvestres, como o morcego, que era comum nas feiras daquela região (ALBUQUERQUE, 2020, p. 2).

Durante o período que compreende a pandemia do vírus COVID-19, tivemos inúmeras incertezas e uma delas estava relacionada à Educação. Afinal, como faríamos para dar continuidade aos nossos deveres, ao trabalho, à vida?

O COVID-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais. A pandemia afastou os alunos presenciais, da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 3).

Desta forma, passaram a ser utilizadas cada vez mais as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como forma de encurtar a distância e o tempo, diminuindo o impacto causado pela pandemia. Ferramentas como *WhatsApp*, *Youtube*, *Facebook*, entre tantas outras, tornaram-se rotina na vida das pessoas que precisavam trabalhar em *home office*, que consiste em realizar tarefas à distância. Para Libâneo (2001, p. 7), as novas tecnologias de produção afetam a organização do trabalho, modificando cada vez mais o perfil do trabalhador necessário para esse novo tipo de produção.

Logo, as instituições de ensino começaram a se organizar e os professores tiveram que se adaptar à rotina da qual não estavam habituados e isso tudo muito rapidamente. Afinal, naquele contexto, perder tempo significava aumentar consideravelmente a defasagem educacional.

Nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira (CORDEIRO; 2020, p.10).

Mesmo em meio a inúmeros percalços, o professor teve que se reinventar, já que o exercício do trabalho docente requer, além de uma sólida cultura geral, um esforço contínuo de atualização científica na sua disciplina e em campos de outras áreas relacionadas, bem como incorporação das inovações tecnológicas. (LIBÂNEO 2001, p. 19).

A princípio, em 2020, o ensino remoto começou a ser utilizado como estratégia, cujo objetivo estava em dar continuidade às aulas mesmo à distância. Já em 2021, o ensino híbrido foi utilizado de forma mais breve, com aulas semipresenciais.

Ambos não surgiram em meio a uma pandemia, mas tem toda uma trajetória. “O ensino remoto existe desde o século XX, no contexto nacional e a primeira notícia que temos dele, foi registrada em 1904, quando o Jornal do Brasil promoveu um curso de datilografia por correspondência” (CONEXIA, 2021, p. 3).

Já a hibridização do ensino, mais recente, “Por volta do ano 2000, temos seus primeiros passos, cujo objetivo estava voltado para o uso empresarial que mesclava o ambiente presencial com o virtual e posteriormente passou a ser utilizado nas salas de aula” (GODINHO; GARCIA, 2016, p. 3).

Todavia, a realidade não foi tão fiel quanto a projeção. Essas duas modalidades de ensino que vieram em meio a uma urgência da precariedade e defasagem, auxiliaram como forma de ferramenta que entregasse as aulas, mas mantiveram uma série de dificuldades além das que o professor já conhecia no modo presencial.

É importante ressaltar que o trabalho docente não se limita à sala de aula, Segundo Freire (1997, p. 274):

[...] É o exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo.

Ou seja, é um trabalho constante, do plano à ação. Durante a pandemia, o professor teve que se desdobrar ainda mais, por conta das novas modalidades de ensino. Há uma fala muito pertinente da professora Dra. Amanda Moreira (ANFOPE, 2022) durante uma *live* na plataforma do *Youtube*, intitulada “O ensino híbrido e a precarização do trabalho remoto”, que ressalta as principais dificuldades desse processo:

O ensino híbrido ou semipresencial controla o professor de uma forma muito intensa por meio do monitoramento [...] contribuindo também para um darwinismo professoral onde só sobrevivem os mais aptos e adaptáveis, além de excluir as crianças e jovens que não tem acesso à tecnologia digital como ficou evidente durante o ensino remoto (MOREIRA, 2022).

Embora a proposta fosse boa, foi um desafio aplicá-la como estratégia pedagógica, pois se chocava com o ideal de muitos professores, em manter sua privacidade e liberdade ao não gravar aulas e não ser monitorado em seu trabalho. Fatores como este começaram a contribuir para o adoecimento docente.

Dessa forma, foi possível observar o despreparo diante de uma crise sanitária, a falta da formação voltada às novas tecnologias dentro da sala de aula, à carga horária excedente por conta da flexibilização do trabalho do professor que resultou em horas prolongadas e cansativas em todo processo de aula e atendimento à família. Somamos isso ao fato de que as desigualdades sociais são muito presentes e foram evidenciadas durante a pandemia.

3 METODOLOGIA

A escolha do tema que delimitou esta pesquisa ocorreu em meio a uma semana pedagógica em meu antigo local de trabalho, onde notei a importância e urgência em debater o ponto de vista do professor e as aulas durante a pandemia.

Esta pesquisa se trata de um levantamento de dados e para sua construção, foi necessária uma sequência de ações em busca de alcançar aos objetivos propostos. Foram realizadas entrevistas remotas por meio do *Google Meet* e do *WhatsApp*, com a utilização de um roteiro de perguntas estruturadas e de caráter qualitativo.

Houve a participação de quatro professoras do nível de educação básica da rede pública de Sinop/MT, duas que lecionaram na etapa da Educação Infantil e as outras duas, do Ensino Fundamental I, no ano de 2021.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, serão abordadas as falas das respectivas entrevistadas e estabelecido um diálogo sobre elas. A primeira questão teve como objetivo analisar o ponto de vista de cada professora de acordo com as próprias vivências sobre o Ensino Híbrido em sala de aula.

- 1) Analisando suas vivências e experiências no contexto escolar, você considera o ensino híbrido como uma metodologia eficiente e que poderia ser aplicada posteriormente ou considera que as aulas presenciais ainda seriam a melhor opção?

(01) **Professora 1:** Não tenho dificuldade com nenhum modelo de desenvolvimento das aulas, tanto o híbrido como o presencial são bem tranquilos. Percebo que as vantagens tanto para quem ensina como para quem aprende em uma sala com menos alunos é bem maior, tem maior rendimento, mais atenção.

(02) **Professora 2:** Na verdade, nós sabemos, percebemos e sentimos que a Educação Infantil no formato remoto não funcionou tão bem quanto pensávamos que poderia acontecer [...] eu acredito que o modo presencial ainda consegue realizar o processo de ensino/aprendizagem de forma mais direta, concreta e com maior vínculo.

(03) **Professora 3:** Tem os prós e os contras, por exemplo, quando eu comecei a dar aula eram 30 alunos em sala, você tem que se virar com aquele aluno que tem dificuldade, você tem que dar uma atividade diferenciada em sala. Quando surgiu essa forma híbrida dos alunos estudarem, eu tomei a

decisão de separar a turma em níveis, mas eu prefiro, sem dúvidas, que os alunos voltem 100%, mesmo que seja uma turma cheia.

(04) Professora 4: Sem dúvidas, o presencial, sinceramente, apesar de todo o conhecimento que nós tivemos com o ensino remoto e com ensino híbrido [...] as crianças precisam do contato, precisam estar ali na convivência com o outro, trocando experiências para desenvolver a aprendizagem.

É interessante notar a insatisfação quanto ao número de alunos por turma e a sensação da dificuldade em ensinar e acompanhar os alunos. A superlotação escolar é um problema que sobrecarrega o trabalho do professor e afeta a aprendizagem dos alunos. Desse modo, as propostas do planejamento dificilmente são alcançadas. Seria ideal que não houvesse um número tão grande de alunos na mesma turma, para que as aulas fossem mais fluidas. Todavia, essa perspectiva se choca com demanda educacional, onde há mais alunos do que estrutura para recebê-los.

A deficiência de infraestrutura nas escolas afeta diretamente a qualidade da educação. Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada ao tamanho da sala de aula e o número de alunos, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos. (SATYRO; SOARES, 2007, p. 7 apud MONTEIRO; SILVA, 2015, p. 23).

Mas para que essas mudanças ocorram, é necessário tempo, além disso a evolução da própria educação. Necessitamos da melhoria das políticas públicas educacionais que garantam o acesso à educação aos alunos e que favoreçam a valorização do professor.

Já a segunda questão diz respeito ao rendimento escolar dos alunos, com relação ao desenvolvimento da aprendizagem da turma, a fim de investigar se houve alguma insatisfação por conta disso e se esta poderia relacionar-se à instabilidade do ensino remoto e híbrido.

2) Na sua opinião, durante a pandemia, com as aulas remotas e híbridas, houve rendimento escolar ou aprendizagem por parte dos alunos? Justifique.

(05) Professora 1: Sim a meu ver as crianças tiveram um desenvolvimento satisfatório com o ensino híbrido, com o novo modelo de terem uma atenção individual para cada um, é muito melhor.

(06) Professora 2: Eu acredito se tratando da Educação Infantil nós não podemos dizer que houve alguma questão relacionada ao não aprender, porque nós não temos ali um processo de alfabetização, mas sim do desenvolvimento integral. É claro que se a criança estivesse com mais tempo nesse espaço de experiências de aprendizagem ela teria um desenvolvimento melhor.

(07) **Professora 3:** Posso dizer que metade sim e a outra não. Os níveis de aprendizagem são muito diferentes um do outro. O tempo que a gente teve foi para correr atrás desse prejuízo todo em relação ao 3º ano. Então teve sim aprendizagem proveitosa.

(08) **Professora 4:** Não dá para dizer que não houve, porque tudo foi aprendizagem. Eu percebi que aqueles meus alunos, aqueles 50% que realmente faziam as atividades, desenvolveram totalmente ao contento. Aqueles que tinham família que participava, tiveram o mesmo rendimento, como se tivesse em sala de aula.

Com base nos dados acima, pode-se analisar que as docentes relataram, em grande parte que presenciaram a angústia de não conseguir desenvolver suas aulas como haviam planejado.

Dos relatos acima, apenas a professora 1, sentiu-se satisfeita com os resultados de sua turma, ao passo que as demais relataram que seus alunos não progrediram na aprendizagem, ou que apenas uma parte da turma conseguiu acompanhar os conteúdos ministrados.

Aqui há uma relação não somente com o desafio dessas professoras em trabalhar com uma nova metodologia, também com a questão das desigualdades sociais, que foram impactantes no desenvolvimento das crianças, principalmente àquelas que não conseguiram de forma alguma comunicar-se com as escolas, ou cujos pais davam pouco interesse às atividades compartilhadas.

A principal causa apontada pelos especialistas é a pandemia, que obrigou o distanciamento social, a suspensão das aulas e, conseqüentemente, a diminuição das atividades e recreações infantis, afetando o desenvolvimento da linguagem e da fala. [...] Durante o período de isolamento, elas foram cerceadas de diversos estímulos que ocorriam no dia a dia, desde um passeio, uma ida ao mercado e de brincadeiras em parquinhos, além da falta de convívio com outras da mesma idade, nas escolas e creches. (SILVA, 2022).

O ambiente escolar, caracteriza-se como estrutura própria da aprendizagem, possui uma organização curricular específica e profissionais preparados para atuar naquele espaço. É estar em casa, ambiente no qual, em grande parte, não há esse preparo didático e estrutural para acolher aos alunos, muito menos os recursos necessários.

Já a terceira questão, teve o objetivo de provocar uma reflexão nas entrevistadas sobre quais pontos mais marcantes elas tiraram desse período pandêmico.

3) Quais foram as diferenças mais impactantes que você notou entre o sistema híbrido e as aulas presenciais?

(09) **Professora 1:** A maior diferença que notei entre as aulas híbridas e as aulas "normais" anteriores ao COVID-19, foi positiva, hoje com as aulas híbridas tenho em sala menos alunos e consigo dar atenção e atender às necessidades de cada aluno durante a aula. As crianças se dispersam menos e demonstram mais interesse pelas atividades e brincadeiras [...]

(10) **Professora 2:** Esse momento pandêmico lá no início foi o que mais me marcou, de não poder estar com as crianças, não poder tocar e interagir em tempo real. As questões que envolveram as dificuldades de adentrar a esse novo formato de ensino/aprendizagem, o formato de gravação, edição foi muito difícil [...] O início da pandemia foi bem marcante, por não ter conhecimento de como lidar com essas ferramentas e não poder estar com essas crianças presencialmente.

(11) **Professora 3:** Fez muito bem, essa nova visão do ensino. Podemos utilizar diversas ferramentas, tecnologias para melhorar o aprendizado da criança, não precisa ser só quadro e caderno. acredito que além disso, estamos no século XXI, temos que usar das tecnologias a nosso favor, se não vamos ficar atrás, arcaicos. Temos que nos habituar à nova era e trazer isso para a sala de aula, se não a gente acaba perdendo o aluno, porque competimos a todo momento com as tecnologias que prendem a atenção da criança.

(12) **Professora 4:** Na experiência do ensino híbrido, poucos os pais que participaram, mas eu queria atingir a todos os alunos, então as atividades que eu mandava para casa, era apenas um complemento, eles retomaram o que o professor tinha trabalhado na sala de aula. [...] O impacto foi retomar conteúdos que já eram trabalhados, fazer as intervenções necessárias, a partir da necessidade apresentada naquele momento.

Pode-se observar, que as principais diferenças ressaltadas estão entre a questão do contato com o aluno, do uso das tecnologias que para algumas não foi alarmante, mas para outras, um grande obstáculo. Há também o fator relacionado ao acompanhamento do aluno, onde a professora 1 relatou que conseguiu, com mais facilidade dar atenção à sua turma, devido à presença das tecnologias.

Existem, portanto, uma variedade de reflexões acerca de como ocorreu o ensino durante a pandemia, tendo em vista nenhum educador trabalha da mesma forma. Como seres humanos, somos singulares, por mais que determinado professor siga uma modalidade de ensino que outros seguem, sua *práxis* não será idêntica aos demais. Está além de ser professor, mas é ser também pesquisador, cientista, artista, ser humano.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esse que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29).

Esses diálogos favorecem a compreensão de como ocorreu o processo de ensino/aprendizagem durante a pandemia e enfatiza sobre a importância do trabalho pedagógico do professor. É possível determinar que o professor está sempre modificando sua prática em busca de superação. O ato de aprender a cada dia, também está inserido na ação do educador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões geradas durante e após esta pesquisa, consegui alcançar aos objetivos propostos, observando a presença das dificuldades técnicas, das barreiras criadas na relação entre família e escola, assim como a desorganização dos conteúdos frente à defasagem educacional. Além disso, surgiram outras questões importantes que complementaram este artigo, como as desigualdades sociais que ficaram tão evidentes no período pandêmico.

Foi possível identificar que todas as entrevistadas vivenciaram alguma dificuldade em lidar com as novas modalidades de ensino durante a pandemia. Foram diferentes percalços que formaram um grande desafio.

O ensino híbrido e remoto possui um grande potencial, mas naquele momento não se mostrou eficaz, pois foi escolhido em meio à uma situação emergencial. Todavia, poderia ser agregado às aulas como ferramenta tecnológica de ensino, com um bom planejamento e intencionalidade.

Uma crise desta proporção desestruturou toda a sociedade, em diversos patamares e nos colocou a pensar sobre nossa própria ação e a planejar o futuro sob um novo olhar. Os desgastes sofridos ao longo da pandemia não poderão ser excluídos da história, porém serve como base fortalecedora para aprendizagem. Os impactos causados na educação foram severos e muito provavelmente sentiremos ao longo dos anos que virão.

Uma pesquisa não se encerra com análise e apresentação de dados, não há determinações que indiquem o fechamento de uma pesquisa. A cada observação realizada outras questões surgirão. Esta é a sensação experienciada após concluir as ações teórico-metodológicas desta investigação.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, H. P; SOARES, M. V; CARVALHO, S. M. L; TELLES, T. C. K. O professor e o ensino remoto: tecnologias e metodologias ativas na sala de aula. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 28, 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/28/o-professor-e-o-ensino-remoto-tecnologias-e-metodologias-ativas-na-sala-de-aula>. Acesso em 20 maio 2023.
- CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em: <http://oscardien.myos-car.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDE->

MIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf.
Acesso em: 18 maio 2023.

EDUCAÇÃO REMOTA: entenda de uma vez esse conceito. Blog Conexia - Desen-volvendo agora a educação do futuro. Jun 2021. Disponível em: <https://blog.cone-xia.com.br/educacao-remota/>.
Acesso em: 20 maio 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. A edição não tem mais o ^a agora coloca-se 25. ed.

FREIRE, P.. **Desafios da Educação de Adultos Frente à Nova Reestruturação Tecnológica**. In: Educação e Escolarização de Jovens e Adultos – vol. 1. Experiências Internacionais. IBEC/MEC, 1997.

GODINHO, V. T.; GARCIA, C. A. A. Caminhos híbridos da educação: delimitando possibilidades. In: AMPOSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 2016, São Carlos – SP. Anais [...] São Carlos: UFSCAR. Disponível em: <http://www.sied-anped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/issue/view/7>.
Acesso em: 17 maio de 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTEIRO, J. SILVA, D. A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 19, n.3, p. 19-28, set./dez. 2015. Destacar o título da revista

MOREIRA, A. O ensino híbrido e a precarização do trabalho remoto. Anfope Nacional. Youtube, 30 de maio de 2022. Disponível em: [O ensino híbrido e a precarização do trabalho remoto - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...).
Acesso em: 15 maio 2023.

PASINI, C. CARVALHO, E. ALMEIDA, L. **Educação Híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. FAPERGS: Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

SILVA, J. **Atraso na linguagem**: devido à pandemia, crianças estão demorando a falar. 14 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/01/14/atraso-na-linguagem-devido-a-pandemia-as-criancas-estao-demorando-a-falar.htm>. Acesso em: 20 maio 2023.

Recebido em: 8 de junho de 2023.

Aprovado em: 7 de julho de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/repr.v14i2.11457>

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8104803654533761>

E-mail: michele.talita@unemat.br